

# Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.  
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.



## Nuno Álvares MODÊLO DE HOMENS

Para compreender bem uma figura histórica é preciso reconduzi-la ao tempo em que viveu e repô-la no seu próprio meio. Só assim a podemos apreciar devidamente.

Isto mesmo se dá com o Beato Nuno de Santa Maria. Os dotes preclaríssimos do seu carácter e o conjunto de heróicas virtudes que lhe enobrecem a vida ressaltam incomparavelmente mais quando postas no fundo sombrio da sociedade portuguesa do fim da primeira dinastia.

Sob o ponto de vista político Portugal desagregava-se. O governo central procurava, mas difficilmente conseguia, equilibrar-se entre as várias

Deante do invasor o rei refugia-se com a corte em Santarém. As virtudes guerreiras da raça haviam esmorecido e estavam apagados os brios de algum dia.

E neste ambiente que Nun'Álvares toma contacto com o mundo.

E é d'este Mundo de montureira que sobe a figura imaculada de Nun'Álvares.

O beato Nuno não era um rapaz vulgar: tinha horror ao comum, ao mediocre.

De intensa piedade, era dotado duma devoção profunda ao Santíssimo Sacramento e à Virgem Nossa Senhora. Igrejas, altares, conventos, festas,

de raças ou de fronteiras. Portugueses e castelhanos são alvo dessa caridade sem limites que só se contentava em distribuir as rendas pelos pobres e em ir pedir para eles de porta em porta.

Nesta hora tão conturbada emerge mais ainda o seu exemplo. Ele pode bem apresentar-se como o tipo do guerreiro cristão e católico.

Na faustosa data — 23 de Janeiro que celebramos — ao terminarem os 25 anos do decreto de confirmação do culto de Nun'Álvares parece-nos que um dos nossos bons propósitos é apresentá-lo à Juventude de hoje como o melhor exemplo e a melhor prova

de como se pode ser herói e santo no meio de uma sociedade de cobardes e poltrões.

Deus queira que os rapazes de hoje se encaminhem decididamente para o estudo, o amor, o serviço e imitação desse grande santo e grande português que foi o Beato Nuno de Santa Maria!

A «Voz da Fátima» ufana-se de prestar nas suas colunas esta pequenina homenagem ao Santo Condestável cuja beatificação anda pelo tempo tão ligada aos acontecimentos da Cova da Iria no termo do condado de Ourém de que o Beato Nuno foi durante muitos anos o possuidor. X<sub>3</sub>

## PEREGRINAÇÃO

DE

## DEZEMBRO, 13

Apesar de no mês de Dezembro último, o dia treze ter ocorrido num domingo, a peregrinação mensal foi sem dúvida a mais diminuta do corrente ano. É que a tarde da véspera, a noite e toda a manhã desse dia foram de rigoroso inverno com chuva contínua e vento forte.

Por esse motivo, todos os actos religiosos do costume se efectuaram, como já outras vezes tem sucedido em circunstâncias idênticas, na igreja das confissões. Esta regorgitava de fiéis, assistindo muitos outros fora do respectivo recinto, junto das portas e no pavião dos doentes, por não caberem dentro dela.

Por causa da chuva, não se realizaram as duas procissões com a Imagem de Nossa Senhora da Fátima venerada na capela comemorativa das aparições.

Celebrou a Missa dos doentes, à hora habitual, o rev. P.º António dos Reis, director espiritual do Seminário de Leiria. Fêz a homilia ao Evangelho, o rev. dr. Manuel Marques dos Santos, vice-reitor do mesmo Seminário.

No fim da Missa, durante a exposição solene do Santíssimo Sacramento, rezou-se o terço do Rosário.

Entre os peregrinos estava o sr. dr. Fernando della Rocca, professor na Universidade civil de Roma e advogado da Sagrada Rota Romana.

Veio da cidade eterna em avião, numa missão de estudo, com o sr. doutor António Carneiro Pacheco, ilustre Embaixador de Portugal junto da Santa Sé.

Assistiram aos actos religiosos alguns doentes, mas, como não tinham sido previamente inscritos no registo do Posto das verificações médicas, a bênção do Santíssimo foi dada em conjunto a todos os circunstantes pelo rev. celebrante.

As comunhões foram muito numerosas.

VISCONDE DE MONTELO



BEATO NUNO DE SANTA MARIA, de cuja beatificação se celebra no próximo dia 23 o 25.º aniversário (imagem venerada na Sé Catedral de Leiria)

influências. Castela tinha aqui muitos partidários porque era mais cómodo ganhar as boas graças do dominador que se esperava do que sacrificar vida, saúde e bens por amor da Pátria.

Sob o ponto de vista moral o quadro não era melhor. De alto a baixo, da corte impudica e da nobreza que a servia até à arraia miúda, era um crescendo de imoralidade tal que muitas situações irregulares acabaram por parecer perfeitamente normais.

A castidade era virtude de poucos. Não se respeitava a família e em muitos casos praticava-se descaradamente uma verdadeira poligamia.

tudo era objecto dos seus desvelos. A sua castidade nimba-o de glória imortal através dos séculos.

Emulo do Santo Galaaz, ele quer também conservar-se virgem, mas o pai leva-o a casar.

Na paz e na guerra foi sempre de extremo cuidado na guarda desta santa virtude e não se contentava de a praticar senão que obrigava os outros a praticá-la também.

Como guerreiro, a figura de Nun'Álvares não tem par.

Não é o ódio do inimigo, que o move, mas o amor dos seus co-nacionais, e a defesa da terra pátria.

A sua caridade não conhece limi-

## Acção Católica O NOSSO "MEIO"

Anda na boca de toda a gente que Portugal é um país católico.

A confirmar o assêrto, podiam citar-se disposições claras da própria Constituição Política, e a assinatura da Concordata com a Santa Sé, e muitos factos, de que todos temos conhecimento, pela leitura dos jornais e por notícias particulares, como procissões magníficas, e discursos impregnados de fé cristã, e provas constantes de respeito para com a Igreja.

Sendo assim, pode naturalmente perguntar-se a que vem então a Acção Católica.

Ora é necessário não nos deixarmos deslumbrar por aparências enganosas.

Que há muitas coisas novas e louváveis na nossa terra, e que, por toda a parte, se observa um renascimento forte de vida cristã, ninguém pode negá-lo com razão. Mas daf a poder concluir-se que tudo está já feito, porque o País se reintegrou plenamente nas suas tradições religiosas, vai uma longa distância.

Bastará analisar, com certo cuidado, o «meio» em que se desenvolve a nossa actividade, para se verificar imediatamente quanto é exagerado aquêlê optimismo. Sem falar já nas dioceses que bem podem considerar-se terra de missões, tão diminuto é o número de sacerdotes e tão reduzida a piedade católica, até nas povoações em que mais numerosas e mais quentes são as manifestações religiosas constituem maioria os que vivem longe de Deus.

Sob este aspecto, qual é o estado do nosso bairro? da nossa fábrica? da nossa oficina? da Universidade em que se prepara o nosso curso superior? da escola em que aprendemos? da nossa repartição pública? mesmo do campo em que trabalhamos?

Ele há tantos dos nossos irmãos que nem sequer são baptizados!... Em documento impressionante e profundo, sobre os Seminários, escreveu o Senhor Cardeal Patriarca estar a África, pela sua infidelidade, às portas de Lisboa. Em certo modo, está mesmo em Lisboa, está um pouco em todas as nossas cidades, e até nas vilas e aldeias. Nosso Senhor continua a ser desconhecido de grande número de portugueses.

E muitos, se o conhecem, é só para odiá-lo, na Sua Igreja e nos seus ministros e fiéis. Se a perseguição fôsse permitida, a quantas cenas bárbaras e vexatórias não assistiríamos uma vez mais!

Até muitos dos que solenemente tomam parte nas festas religiosas, possuem apenas um Cristianismo vago, que não passa, com frequência, de ligeiro sentimento ou de simples simpatia. Desconhecem as verdades rudimentares da fé, não praticam convictamente a religião e se amanhã soprassem outros ventos, outras seriam as atitudes. Quando muito, observar-se-ia um silêncio prudente, ou havia de manter-se uma posição de indiferença.

País, profundamente e totalmente católico o nosso País?

Prouvera a Deus que assim fôsse!

Há muito que trabalhar, que lutar e que sofrer, para que tal se consiga.

A Acção Católica é meio poderoso para se obter esse fim. Ela é verdadeiramente acção: acção que nasce da fé e do amor, acção que supõe forte vida interior, acção que se traduz em apostolado generoso e ardente, acção que provém de convicções e produz convicções, acção capaz de restaurar tudo em Cristo, Nosso Senhor. Se nos limitarmos a conservar, ficaremos sempre e só com ruínas de Cristianismo, e bem podemos acordar em regime convulso de perseguições.

Mas, ainda que Portugal fôsse, na verdade, inteiramente cristão, haveria ainda e sempre que trabalhar, lutar e sofrer. Mesmo, nessa hipótese, seria candente a actualidade da Acção Católica.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis



DEZASSETE NOVENAS DE PEREGRINAÇÕES À FÁTIMA

Beatificação de Nun'Alvares BODAS DE PRATA

Uma das pessoas que aparece pelo Santuário da Cova da Iria com mais vagar, é a sr.ª Maria Vitória Coxa, de 71 anos, que nos consta vir a pé de muito longe e que, desta vez, passado o reboliço dos dias 12 e 13 não deixámos sem abordar:

— Quantas vezes veio já em peregrinação à Fátima?

— Um cento e cinquenta e duas. E destas, só 9 é que não foi sempre a pé! E vim 5 anos descalça! Agora é que já não posso!

— Por doença, não?

— Fui operada... deixei-me ver... vai em quatro anos e os médicos mesmo disseram que eu ficava sem o véu das tripas e não podia andar senão ligada. São as almas benditas do Purgatório que me ajudam... Que eu sempre fui muito devota das almas... Desde pequenita! Olhe que me ia ter com as vizinhas que estavam lá pelas portas e ensinava-as a rezar o terço das almas e o salmo dos profundos...

— E de onde é?

— Das bandas da Azambuja, da Massuça: são 20 léguas.

— 20 léguas! Mas não faz tudo a seguir!

— Nan, senhora! Venho com o

A verdade!! Leitores da Voz da Fátima!

Saldos quasi de graça!!

Table listing various goods like Meias de algodão, Meias de lã, Meias de seda, etc. with prices in \$500 units.

LINDA SELEÇÃO DE TECIDOS BARATÍSSIMOS. Flanelas lisas, Flanelas 2 pelos, etc.

meu descanso. Só em Santarém chego a ficar 15 dias. Não há quem de lá me arranque e sabe porquê? Por causa das Missas! São as Missas pelas Almas que lá me prendem. Todos os dias oito: a primeira pelas almas em geral, a segunda pela que está mais próxima a sair; mais duas pelas almas das minhas obrigações e a última pelas das obrigações dos meus benfeitores e por eles também. É uma consolação! Parece-me que até se me põe o jeito de rir na boca sem eu querer!

— Mas então na sua terra...

— Oh, senhora! Nem sequer tenho Missa de semana! Olhe que na primeira 6.ª feira e no primeiro sábado do mês tenho de ir ao Cartaxo, que são duas léguas da Massuça!

— E no inverno?

— Ora! Uma saia pela cabeça e uns tamancos nos pés e aqui vai a Maria Vitória... As vezes lá acontece ir um bocado a cavalo... no carro da sr.ª Duquesa de Lafões e até no automóvel quando havia gasolina.

— Então por este ano estão as suas peregrinações acabadas?

— Nan senhora! Ainda cá hei-de vir p'ró mês que vem, se Deus quiser! Há 17 anos que faço esta novena: começo a vir em Março e levo tudo a isto até Novembro!

— E, pelo caminho, como se arranja para comer e dormir?

— São as almas que me deparam benfeitores e, quando mos não deparam, são elas que me sustentam. Olhe que nunca sinto fome quando não tenho que comer ou quando estou a ouvir Missas por elas. Se houvesse Missas até à noite, parecia-me que nunca tinha fome... E também não tenho nada vestido que as almas me não dessem! Mal recebo qualquer esmola, digo logo: «Almas benditas! Eu vos agradeço! Pedi pelos meus benfeitores!»

— Vem sempre sôzinha?

— Nunca! Venho sempre de companhia e dantes, nos primeiros anos, vinha até sempre de grande ranchada. Agora, já tudo vem a cavalo. Pois chegámos a vir às 30 e mais pessoas.

— E não vinha cansada?

— Na Cova da Iria nunca sinto cansaço, nem frio! — Nem fome?... — Nem fome! Ceto cum'ós mais, mas depois toda a santa noite e no outro dia até se acabar tudo, nan preciso de nada! As almas é que precisam muito e o nosso corpo é o nosso traidor — nada de le dar mimos!

— Sendo assim tão devota das almas do Purgatório — que essas já estão seguras — mais deve fazer pelas que estão em risco de cair no inferno...

— Pois está claro! E mesmo eu sou franciscana: pertence-me andar a converter almas, a fazer-las explicações e meter-las medo para deixarem a má vida em que andam. As vezes topa a gente com cada pedra mais dura... mas vai amaciando, vai amaciando...

— Trabalha então muito na sua terra?

— Olhe que o sr. Padre Cruz, quando por lá aparece, até me chama a sua auxiliadora! Tenho andado com ele em muitas missões e com o Senhor Bispo de Vitorba. Ambos eles é: sr.ª Maria Vitória para aqui... sr.ª Maria Vitória para ali... Eu é que, a bem dizer, sou madrinha daquilo tudo!

— Conte-nos qualquer coisa dessas missões que mais a impressionasse...

— Olhe... Duma vez, lá se con-

seguiu com a ajuda de Deus, puzear duas almas para o bom caminho e o casamento ia a fazer-se naquela manhã. Mas havia lá uma certa pessoa a quem isto não agradava. Vai se não quando, ia eu para a igreja com o noivo p'ra ele ainda ouvir a pregação que lá estava a fazer o Senhor Bispo, passa um tiro rente a mim e dá no homem. Ele cambaleia e sumiu-se assim p'ro lado duma esquina por onde iam a passar. E eu, com aquela de chegar depressa à igreja, nem dei atenção a nada. Mas mal lá cheguei — nem sei como — representou-se-me tudo à idéia, comecei a sentir-me mal, e sem querer fazer barulho para não estorvar a pregação...

— Mas as almas lá lhe valem...

— Nem mais! Ainda ouvi por elas as duas Missas: a do Senhor Bispo e a do Missionário!

— Já não tem família?

— Tenho, sim, senhora, graças a Deus! Sou viúva há 30 anos, fui mãe de 8 filhos e ainda tenho 3 vivos e 9 netos.

— E eles não a ajudam?

— Tratam-me muito bem de palavras e acções, mas os meios são poucos. A minha filha ainda me podia dar alguma coisinha para trincar no caminho, mas eu é que não posso vir carregada.

— Nem esta minha companheira que é sogra do meu filho...

— É a sr.ª Maria Dâmaso, de 87 anos de idade e que vem a Fátima pela centésima-sétima vez, também quasi sempre a pé. Tão caida quanto a sr.ª Maria Vitória é loquaz, apresenta o mesmo aspecto atraente de pobreza aseada e educada, satisfeita com a sua sorte.

— Já estão de partida, não?

— Que remédio! — é ainda a sr.ª Maria Vitória que fala. Vamos ficar à Fátima e aproveitamos lá a Missa amanhã. Hoje foi

um regalo. Tínhamos ido ali às bicas beber uma pinga de água, que a gente ainda estava em jejum, quando veio vir um padre das bandas do Hospital. Perguntei-lhe se ainda não tinha dito Missa e como ele me disse que não, volto para trás e, nem mais fome nem mais sede... Se a minha vontade era agarrar nas almas todas e tirá-las do fogo do Purgatório!

— E agora, não se sente já fraca?

— Qual! Nos dias 13, àquelas horas a que tudo acaba, não tenho ainda fraqueza nenhuma! Até me sinto côrada! Se eu estou no meu gozo!... Quando digo: «Subi, Almas benditas, ide para o trono do Senhor tenho aquela Fé de que elas estão a sair, e sinto um alívio tão grande... tão grande... que nem le sei dizer!»

— Uma certa umidade atenua agora o fulgor do olhar da sr.ª Maria Vitória; os lábios tremem-lhe e as mãos, sob as pontas do pobre chaile encruzadas, têm também uma agitação que ainda lhes não tínhamos notado.

— Sacudimos a comoção que igualmente nos toma:

— Vamos, sr.ª Maria Vitória! Precisamos do seu retrato! Não se importa, pois não?

— É a boa velhinha toda sorridente:

— Ora essa! Porque não? Mas espere um instantinho, sim?

Muito ligeira, corre à fonte, tira o lenço, lava o rosto e alisa o cabelo com umas chapadas de água que o deixam a escorrer... Se é água de milagre... Quanta mais, melhor.

— E ao lado da sua comadre e companheira assídua de trabalhos e devoções, a sr.ª Maria Vitória Coxa, imperturbável, posta-se fixando a objectiva:

— Seja tudo pelas almas!

M. de F.

Voz da Fátima

Table with columns for DESPESAS (Transporte, Papel, etc.) and Donativos desde 15\$00.

Transporte ... 2:548.908\$00
Papel, comp. impr. do n.º 243 ... 23.364\$75
Franq. Emb. Transporte do n.º 243 ... 7.024\$77
Na administração ... 310\$00
Total ... 2:579:607\$52
Donativos desde 15\$00
D. Carolina Mendes Pereira, Lisboa, 15\$50; D. Emilia Garcia, América, 120\$80; D. Maria Augusta Soares, ibidem, 22\$00; Manuel Medeiros, ibidem, 22\$00; D. Ermelinda Leite, ibidem, 22\$00; D. Maria da Conceição Rodrigues, Estarreja, 20\$00; João Goulart Garcia, Açores, 20\$00; D. Branca Soto Malor e Passos, Viana (Minho) 60\$00; P.º Manuel Teófilo de Sousa, Pico, 20\$00; D. Estefânia Mendes, Guilhufe, 105\$00; José Esteves de Carvalho, Moncorvo, 20\$00; Manuel do Canto e Castro Albers, Lisboa, 20\$00; D. Alice de Sousa Moreira Ribeiro, Caldas da Rainha, 20\$00; D. Amélia Torrado, Belém, 20\$00; D. Ana Virginia Formigal Moraes, Lisboa, 20\$00; André Chichorro Marção, Monforte, 20\$00; Vitorino da Silva Coelho, Flães, 40\$00.

PRESEPIOS — Não guarde para o Natal que vem. Compre já um presepio completo ou as figuras que lhe faltam. Peça preços à Gráfica—LEIRIA.

no Santuário da Fátima as medalhas em prata e ouro comemorativas do Ano Jubilar, assinadas pelo escultor João da Silva

26 de Janeiro a 4 de Fevereiro

Novena e festa do

BEATO JOÃO DE BRITO

Intenções gerais abençoadas pelo Venerando Episcopado Português:

- 1) Que a paz entre as Nações se funde na justiça e caridade;
2) Que aumentem as vocações sacerdotais, religiosas e missionárias.

Para glória de Deus e de Portugal invoquemos com plena confiança o

Herói da Fé e do Império!

Pedir as preces indulgenciadas a — A. Montenegro Seminário da Costa, Guimarães.

JACINTA

é o livro mais extraordinário publicado em Portugal de há cem anos para cá. Sua Eminência escreveu para ele um lindo prefácio.

Nêle se revela parte do segredo de Nossa Senhora e se vê a intervenção de Portugal na consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria.

Já estão vendidos 5.000 exemplares. A 3.ª edição está quasi esgotada. Mande-a vir já. Preço 10\$00 — Pelo correio, pagamento adiantado, 11\$00 — À cobrança 12\$00.

Pedidos à Gráfica — LEIRIA. VINHO DE MISSAS. Prímo, doce, barato, branco. Escreva à Gráfica — LEIRIA.

Passa no dia 23 de Janeiro, como é sabido, o 25.º aniversário da Beatificação de Frei Nuno de Santa Maria, no mundo Dom Nuno Alvares Pereira, fidalgo e cavaleiro, herói da Pátria, por seus serviços e vitórias o mais tarde recolhendo-se ao convento do Carmo, penitente, humilde e esmolero, canonizado em vida pela alma popular, agradecida e justiceira.

Em Lisboa e noutras terras do país a grande data será comemorada com solenidades religiosas e sessões solenes de homenagem ao insigne português, e insigne filho da Ordem Carmelita. Não se esqueça o duplo fim que devem ter estas solenidades: agradecer ao Senhor a ascensão aos altares de Nun'Alvares e rogar-lhe fervorosamente a sua canonização, bem como o inestimável benefício da paz.

O Conselho da «Ala do Santo Condestável», que tem empregado todos os esforços para esta comemoração se revestir de todo o brilho, pede, e muito agradece, que lhe sejam enviadas, pelos revs. párocos e promotores de quaisquer solenidades, nota, embora resumida, dessas homenagens, religiosas e patrióticas.

As notícias, em carta ou postal, serão dirigidas ao Conselho, para a rua Castilho, 1, ou para o largo da Graça, 64 — 1.º Lisboa.

As sessões de propagação condestabrianas e de preparação para as comemorações das Bodas de Prata da Beatificação, no Museu de Nun'Alvares, só puderam começar no dia 20 de dezembro e não 6, por motivos de força maior.

Nossa Senhora da Fátima EM ROMA

O Rev.º Sr. P.º Luiz Moresco, redactor do Osservatore Romano, realizou na Universidade Gregoriana uma conferência sobre «A Fátima e a Mensagem de Pio XII».

Presidiu Sua Eminência o Sr. Cardeal Tedeschini secretariado pelo Senhor Embaixador de Portugal e pelo Príncipe Chigi.

A sala estava à cunha e muita gente teve de se vir embora por já não ter lugar.

Era já a 3.ª vez que se realizava esta conferência.

NOVO LIVRO

O Rev.º P.º A. Magni, da Companhia de Jesus, publicou um livrinho sob o título «La nostra risposta al messaggio di Fátima».

«La Domenica illustrata» saiu em número especial dedicado às aparições da Fátima. Gravuras e artigos da capa até ao fim são uma exaltação das glórias de Nossa Senhora da Fátima e das graças que Deus por Ela nos tem concedido.



Substitua os seus antigos quadros religiosos pelas lindas imagens que Topázio criou. São maravilhas de arte para presentes de distinção. Veja se tem gravada a marca original.

TOPÁZIO A venda nas ourivesarias. Visado pela Censura



# Era uma vez

## um cãozinho...

— Bêu... bêu... bêu...  
 Numa fúria o «Joli» saltou do regaço da dona e arremessou-se contra a cancela do jardim junto da qual despontavam dois rapazitos sujos e andrajosos, de guedelha à nortada que se fazia já sentir naquela tarde outonica.

D. Angelina — que de angélico só tinha o nome e os anéis da cabeleira oxigenada — despertada em sobresalto da sonolência que a ganhava sempre depois do almoço, não podia deixar de ficar na pior das disposições. Ergueu-se das almofadas da sua cadeira de repouso, instalada sob o alpendre sólheiro revestido de trepadeiras, e numa voz mais áspera que o ladrido do cãozito, gritou:

— *Que querem vocês?... Súcia de pedinchões sempre aqui a rondar-me a casa...*

Vendo-se apoiado, «Joli» redobrou de furor e os pequenos desapareceram, o mais velho, mastigando quem sabe se uma praga, o mais novinho, levantando apenas para a imponente dama os lindos olhos azuis em que se lia toda a censura que o seu coraçãozinho sentia, mas que a língua não sabia exprimir. Então, o animal satisfeito veio enroscar-se de novo sobre os joelhos da dona que lhe louvou o procedimento por palavras e gestos e ambos voltaram a fechar os olhos.

A sonolência de D. Angelina estava, porém, comprometida para o resto do dia; mexia-se e remexia-se na cadeira sem atender aos protestos do «Joli», respirava fundo, abria muito os olhos e logo os apertava na ansia de conciliar o sono ou antes de afastar a visão das crianças escorraçadas — numa palavra, de fazer calar a consciência que, a falar verdade, raríssimas vezes a incomodava.

Passou assim uma meia hora, mas já não podia mais.

— *Vamos dar um giro*, disse para o cão que, desta vez, como se a entendesse, não se zangou de se ver desalojado, antes se pôs, todo contente, a agitar a irracão de cauda que a moda decretava para os da sua raça.

D. Angelina queria aquele oíchinho — ela mesmo o dizia — como não queria a criatura humana alguma. Orfã muito nova, vivera da sua agulha durante trinta anos, casara então com um ricoço que logo a deixou viúva, e o «Joli» e uma criatura eram os seus únicos companheiros.

Pela referida cancela saiu, pois, a dama com o seu cãozinho e, como este abandonasse a estrada apesar do chamamento da dona a quem muito custava o mau piso dos campos, lá foi atrás dele quase correndo, para a margem duma ribeira que havia não muito longe de ali. Era o encanto do «Joli» aquela ribeira junto da qual passava horas vendo os peixes que corriam sob a água cristalina, onde nos dias quentes se metia deletado e de onde muitas vezes saía com algum barbo na boca.

Mas a ribeira lá agora caudalosa com as primeiras chuvas e D. Angelina soltou um grito aflitivo quando viu o cão lançar-se à água. Estava ainda a uma meia dúzia de metros da margem. Havia, contudo, alguém mais perto e que, de entre os salgueiros, gritava também:

— *Ai o cão que se afoga... Vai na corrente... Coitadinho!*

Era o pequeno dos olhos azuis e logo aparecia também o irmão empunhando uma cana de pesca.

D. Angelina, pálida e muda estacara. Então o mais velho dos garotos deu uma corrida vertiginosa pela margem, desapareceu descendo para a água e, momentos depois, reaparecia aos olhares ansiosos de D. Angelina e da criança que iam correndo ao seu encontro. Vinha todo encharcado e trazia nos braços o cãozito desfalecido.

Com extremos de mãe, sem se lhe importar molhar e sujar a apurada «toilette», a dama pegou no animal e ia a regressar a casa tão depressa quanto lho permitiam a rudeza do terreno e a adiposidade que a ciência e a moda mal conseguiam disfarçar, mas voltou-se e disse para os pequenos:

— *Venham também... para se secarem e tomarem alguma coisa...*

Orgulhoso, o mais velho respondeu:

— *Não falta praí lenha... vou fazer uma fogueira. E também já temos peixe que chegue para o almoço.*

D. Angelina corou. Os cuidados no «Joli», todavia, não lhe consentiam mais demoras nem considerações.

O «Joli» recuperara os sentidos e chegara mesmo a dar esperanças à dona e ao veterinário que o tratava de que escaparia. Sobreveio-lhe, porém, uma pneumonia e... era uma vez um cãozinho! Um mês depois do desastre, D. Angelina, toda lacrimosa, fazia enterrar o «Joli», ao fundo do jardim, numa sepultura florida... Só faltava o epitáfio!

Freqüentemente, durante esse amargurado mês, recordara a dama com certo apêto de coação o pequeno herói que se lançara à água tão desinteressadamente e que lhe dera uma lição que ela jamais esquecerá. Que seria feito dele e do encantador rapazinho dos olhos azuis?...

Era justamente a recordação deles que nessa manhã, em que o «Joli» morrera e fora a enterrar, a assaltava com mais insistência.

Tão sujos, tão rotinhos, mas que mãe não teria valdade em ter uns filhos assim?...

D. Angelina, mais que nunca solitária, no seu passo mais que nunca indolente, deu a volta à casa e ao aproximar-se do alpendre, em frente à cancela, soltou uma exclamação, de surpresa, talvez de júbilo. Lá estava o pequenito sem se atrever a entrar, mas erguendo para ela o olhar suplicante, azul como o céu daquela manhã radiosa.

Experimentando, a estranha sensação de quem ganhasse asas, D. Angelina precipita-se para ele, puxa-o para dentro, acaricia-o, interroga-o:

— *O teu irmão?*

— *Está doente...*

— *A tua Mãe?... O teu pai?*

— *Já não temos ninguém...*

— *Vamos! Leva-me aonde está o teu irmão...*

Nem sequer perguntava se era longe e se o caminho era ruim... E daí por diante D. Angelina, vivendo felicíssima — porque abnegada — entre os seus dois filhos adoptivos, já não era só angélica de nome...

No entanto alguma coisa a menos tinha de anjo: os anéis do cabelo que deixara de oxigenar e de ondular porque se convercera de que os anos que lhe restariam de vida eram demasiado preciosos para os dispenders em bagatelas.

M. de F.

# Graças de N. S. da Fátima

## AVISO IMPORTANTE

**Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.**

**De contrário não serão publicados.**

## NO CONTINENTE

**D. Maria J. Fernandes, Braga,** diz que tendo adoecido a sua filha gravemente com febre tifóide, resistindo a todos os medicamentos durante alguns dias, já tinham perdido as esperanças de a menina resistir, tanto mais que apareceu também com os sintomas de meningite. Cheia de fé e confiança recorreu a Nossa Senhora da Fátima, dando à doentinha água do seu Santuário e pequeninas folhas de azinheira. Nossa Senhora atendeu a sua aflição, concedendo que em poucos dias a menina ficasse curada.

**D. Maria Adelina da Silva, Lisboa,** Apos nove novenas pedindo a sua cura por intercessão de Nossa Senhora da Fátima e do Beato Nuno, foi atendida pelo que vem tornar público o seu agradecimento.

**D. Ana da Visitação Martins Carvalho Ferreira, Setúbal,** diz que, tendo tido uma síncope cardíaca, com pouca esperança de cura, dada a ineficácia dos medicamentos, recorreu a Nossa Senhora da Fátima. Foi atendida e vem por isso cumprir a sua promessa tornando público o seu reconhecimento a Santíssima Virgem.

**D. Jacinta Maria, S. Pedro, Tomar,** diz que, sofrendo havia três meses de uma tosse muito violenta e persistente, recorreu a Nossa Senhora da Fátima fazendo uma novena; como não fosse atendida, principiou outra novena, tomando água do Santuário da Fátima e prometendo, caso Nossa Senhora a curasse, de ir pessoalmente agradecer-lhe na Cova da Iria.

Quando estava a terminar a segunda novena a tosse desapareceu inteiramente bem como outros males de que sofria.

**D. Mariana Alves dos Santos, Ponte do Lima,** diz: «Havia já um ano que eu sofria de mal nos pulmões. Tão doente me encontrava que um dos melhores especialistas do Porto, depois de me ter auscultado, disse a uma pessoa, minha íntima amiga, que eu não chegaria a passar o mês de Março do ano findo de 1937. Ainda assim recorri a outro médico da mesma cidade que verificou o mesmo mal; seria impossível a minha cura. Recorri então cheia de fé a Santíssima Virgem fazendo várias promessas. Nossa Senhora ouviu-me; fui curada e encontro-me bem. Sejam dados louvores à misericórdia de Deus e à intercessão de Nossa Senhora da Fátima».

**D. Emilia de Macedo, Barcelos,** achando-se gravemente enferma com uma angina, passando quatro dias sem poder ingerir qualquer alimento, recorreu a Nossa Senhora da Fátima e, apenas tomou umas gotas de água da Fátima sentiu grandes melhoras, podendo desde logo, alimentar-se. Cheia de reconhecimento vem agradecer a Nossa Senhora.

## STELA

Assinal a «STELLA», revista mensal aprovada pelo Senhor Bispo de Leiria e por ele colocada sob a protecção de Nossa Senhora da Fátima. Se o fizerdes, não vos arrependereis. O preço de assinatura é de 26\$00. Dirigir os pedidos a Administração da «STELLA», Cova da Iria (Fátima).

O número especial de Outubro está esgotado. Está também esgotado o calendário de Nossa Senhora da Fátima para 1943. Por isso, não podem ser atendidos novos pedidos de exemplares quer de um quer de outro.

**Francisco de Araújo de Sousa, Ponte do Lima,** foi acometido de fortes dores no estômago e grande inflamação nos intestinos que a medicina não conseguia melhorar. Foi aconselhado pelo médico a tirar uma radiografia. Sendo pobre, e tendo já gasto o que tinha com medicamentos, recorreu a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe que o curasse mesmo sem ir ao raio X Com esta intenção principiou uma novena, no fim da qual se sentiu curado.

**D. Angelina Rosa da Costa, Porto,** diz que, sofrendo dum terrível ataque de reumatismo, recorreu cheia de fé a Nossa Senhora da Fátima, sendo subitamente atendida, pois ficou logo livre dos seus padecimentos.

**D. Rosa da Rocha, Valbom,** agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura de um pé que havia alguns anos muito a fazia sofrer. Consultou um ilustre clínico do Porto que lhe disse ser necessário sujeitar-se a uma intervenção cirúrgica. Recorreu então a Nossa Senhora da Fátima, fazendo nove novenas e colocando pensos com água da Cova da Iria sobre o pé doente. Após as nove novenas ficou curada.

**D. Maria S. José Pimentel, Moncorvo,** diz que tendo adoecido seu sobrinho Abel de Jesus Seixas com uma febre tifóide e não havendo já esperanças de melhorar, recorreu a Nossa Senhora da Fátima prometendo tornar público o seu reconhecimento caso fosse atendida. Efectivamente o enfermo foi curado completamente.

**António da Costa Carneiro, S. Martinho de Bougado,** tendo um filho que sofria havia anos de uma terrível doença (insónias), produzindo-lhe ataques quase diariamente, recorreu a medicina e não pôde encontrar remédio eficaz para tal doença. Uma pessoa de família lembrou-lhe que fosse em sua companhia a Fátima, em Maio de 1937, pedir a Nossa Senhora a sua cura. Por sua vez seu pai na mesma ocasião pediu a Santíssima Virgem que curasse o seu doente, prometendo publicar a seu agradecimento caso fosse atendida.

Nossa Senhora dignou-se ouvir aquelas súplicas. O enfermo encontra-se curado.

**D. Maria da Assunção Marques, Azinhaga da Saigada,** diz que, tendo uma filha doente com tuberculose ossea, e dizendo-lhe os médicos que a curar-se, demoraria muito tempo, lembrou-se então de recorrer a Nossa Senhora da Fátima e obteve a cura da sua filha, pelo que foi à Cova da Iria em acção de graças oferecendo uma pequena esmola.

**D. Hironáda do Ceu Correia, Espinhagos,** diz que, tendo-se o seu sobrinho Carlos Manuel Duarte da Silveira de dois anos de idade, escaldado nas costas e estando em sério perigo de vida, recorreu a Nossa Senhora da Fátima e decorridas três semanas o menino estava curado completamente. Como prometeu vem tornar público o seu reconhecimento a Nossa Senhora.

**D. Mariana de Castro Ribeiro, Beja,** diz ter adoecido em 15 de Julho de 1928 com uma catarreia, estando em tratamento médico durante 18 dias, chegando a melhorar, mas ficou muito enfraquecida e com fortes pontadas nos pulmões.

Ouvindo falar que se ia proceder a bênção de uma imagem de Nossa Senhora da Fátima em certa igreja, e que nessa altura todos os pedidos de graças seriam certamente atendidos, cheia de fé ali foi e teve a dita de ser atendida, pois desde então são decorridos já anos sem que tornasse a sentir aquelas pontadas. «Tenho, diz, outros sofrimentos, mas desses não pedi a cura, simplesmente lhe pedi o eu poder ir às igrejas agradecer-lhe o muito que lhe devo. Tudo o que pedi alcançei; e, em agradecimento, todos os dias lhe rezo o seu bendito rosário».

**D. Olinda de Jesus de Matos, Outeiro** diz: «Em 1931 fui atacada de uma doença de pele; sofri muito e cheguei a julgar-me incurável. Recorri então a Nossa Senhora da Fátima pedindo a minha cura, prometendo

publicá-la na «Voz da Fátima», o que hoje venho fazer pois me encontro completamente curada.

**D. Maria Bordalo de Matos Vidal, Lamego,** diz: «Estava o meu marido gravemente enfermo com uma pneumonia dupla. Os sintomas cada dia eram mais desanimadores. Entretanto não desaniméi; sem deixar de confiar na pericia do médico assistente, recorri a Nossa Senhora da Fátima com uma novena e dando a beber ao doente água do Santuário da Fátima, prometendo uma esmola. Foi atendida, e por isso venho cheia de reconhecimento agradecer a Nossa Senhora».

## EM ITALIA

A menina Joana Maria Capelloni, com oito dias apenas, foi, por causa duma corrente de ar, atacada dum grande inchaço nos olhos.

E tanto lhe incharam que, lhe sobreveio uma conjuntivite purulenta de gravissimo aspecto e pouco depois o olho direito reentrou na cavidade orbital.

Consultado o Doutor Páris, de Roma, este declarou que a menina ficaria irremediavelmente cega e que a ciência não tinha nada a fazer.

A mãe, continuando muito embaraçada a tratar da menina recorreu confiadamente a Nossa Senhora da Fátima.



Capelloni

ma, rezou e pediu graças a outros e lavou os olhos da doente com a água de Nossa Senhora da Fátima.

Desde esse momento a pequenita contra todas as expectativas, começou a melhorar e um mês depois estava completamente curada.

Ao visitá-la de novo, o Dr. Páris encontrou os olhos perfeitamente curados e o próprio médico declarou que isto fora uma graça especialíssima de Nossa Senhora. A pequena mal fala ainda mas quando alguém lhe pergunta:

— *Quem te deu a vista Joana?* logo responde sorridente

— *Nossa Senhora.*

Testemunha'n esta graça o pai, a mãe e uma tia.

## Agradecem outras graças

**D. Maria da Conceição Queirós de Macedo, Régua.**

**D. Maria Florinda, Rio-de-Fornos.**

**D. Oziria Osório Cabral de Castro, Castelo-Branco.**

**D. Rosalina de Almeida Moreira, Macieira-de-Cambra.**

**D. Maria Coelho Borges, Coimbra.**

**D. Aurora Gonçalves Pereira, Belinho.**

**D. Cândida Rosa Bettencourt, S. Jorge, Açores.**

**Po Adelino Nunes Robalo, Elvas.**

**Manuel Maria Lúcio, Vila-Nova-de-Gaia.**

**D. Maria Oliveira Azevedo, Santa Cruz, Flores (Açores).**

**José Caetano, Caveira, Flores (Açores).**

**D. Maria do Carmo Cardoso, do Amaral, Flores.**

**D. Maria de Ceu Medina, Flores.**

(Continua na 4.ª página)



Crónica Financeira

O hábito da poupança só aparece nos Estados de civilização bastante adiantada. Os povos primitivos não poupam, nem os frutos do seu trabalho, nem os seus conquistas; carecem daquela sexta sentida que a civilização desenvolve no homem e lhe faz ver, como se presentes fossem, as necessidades futuras.

Recolher e guardar os despojos dos vencidos em vez de os destruir ou queimar; reduzir os prisioneiros de guerra à escravidão, em vez de os massacrar, são já sinais de civilização, como disse, e muito bem, o Visconde d'Avenel. A poupança é, portanto, um fruto da civilização e, por sua vez, condição necessária e factor principal do progresso material dos povos.

Dentre as formas da poupança, o amalhamento dos metais preciosos foi a mais espalhada em todo o mundo, dando certos povos, como a China e a Índia e, de um modo geral, os povos asiáticos, preferência à prata e mostrando os europeus, e designadamente os portugueses, preferência pelo ouro. Antes da passada Grande Guerra, o povo das aldeias quasi não conhecia outra forma de poupança. As economias que se pudessem fazer, iam para comprar ouro para a mulher e para as filhas.

Agostinho Rebelo da Costa, descrevendo a Província do Minho, na sua interessantíssima «Descriç. Topográfica e Histórica da Cidade do Porto», publicada em 1789, escreve: «Não temo dizer que o ouro que serve de ornato às mulheres do campo, excede o valor de 30 milhões de cruzados. Há muitas freguesias que, em cordões, cadeados, contas, laços, brincos e outras peças, todas de ouro maciço, têm cada uma, duas ou ainda três arrobas desta metal. Não falo em algumas da cidade do Porto, aonde somente as da Sé, S. Nicolau e Santo Ildefonso passarão talvez de trinta arrobas».

Quer dizer, segundo este autor, só a província do Minho tinha amalhado há cerca de século e meio, o valor de dois milhões de contos, que a tanto montam 30 milhões de cruzados-ouro daquele tempo em moeda de hoje.

A riqueza da Província do Minho está hoje muito abalada e o ouro que por lá havia, sumiu-se com a crise de 1929. Dizem que a maior parte dos cordões que por lá se vêem agora ao pescoço das mulheres, são de prata dourada... Parece mesmo que se perdem aquêlo gosto que havia antes, de comprar ouro, talvez porque as mulheres lhe não dão já o aprêço que lhe davam noutros tempos. Seja como for, a verdade é que os antigos tinham toda a razão em preferir o ouro para colocação das suas economias, isto é, daquelas sobras que lhe ficavam na roda do ano e que eles destinavam para fazer frente às incertezas do futuro.

A verdade que o ouro não dá rendimento, como o dinheiro a juro, mas é mais seguro, está sempre na mão, e dá gosto a quem o traz e a quem o vê.

PACHECO DE AMORIM A VIDA MARAVILHOSA DE NUN'ÁLVARES. É um dos melhores livros escritos sobre o Beato Nuno de Santa Maria. Foi 25 anos que o Papa Bento XV o beatificou. Nenhum católico pode ficar sem ler este livro encantador. Preço 10\$00.

PALAVRAS MANSAS AINDA A GUERRA

Para quem escreve em jornais é sempre uma mortificação versar assuntos mais ou menos desagradáveis, como, por exemplo, a guerra. Não a esperava nem queria, não tomei partido por nenhum dos adversários e não dou crédito a tudo o que dizem os diversos informadores.

Sou português e católico, sou pela minha pátria e pela Igreja. Nos momentos difíceis, angustiosos, quando o dia de amanhã se torna mais nublado e incerto, volto-me para Deus e rezo com mais fervor. A oração, como dizia o santo padre Pio XI, é uma grande potência desarmada. Desarmada? Sim, porque a força da oração está sobretudo em Deus.

Os pobres reinos deste mundo diferem imensamente do reino que está acima deles na ordem, na expansão e na conquista. Em vez de ferro e fogo, luz e paz.

A guerra — esta guerra terrível, como um dos contendores disse há pouco, continua por esse mundo alé. Combate-se na Cítia fria e combatem-se, na Líbia ardente: Luta-se na terra e no mar com uma violência que apavora e confunde. O monstro informe não se farta de mortes e de ruínas.

Em bons tempos, que tão depressa se foram, andavam pelo azul poetas e artistas de gorra com as estrélas, em busca de inspirações... Até a gente moça para lá ia pelo caminho de Garrett, que tinha no céu um recanto em que a luz sideral era só dele...

Pois que se vão agora meter nisso, como quem esvoaça e sonha! Corre o tempo de feição...

Chovem do ar, em cada dia que passa, toneladas de explosivos. A morte a impedir de farta aqui, a vida a estorcer-se faminta um pouco alé...

Não é bem o que tinham prometido os corifeus que se propuseram galhardamente emancipar o homem de todos os dogmas, de todos os prejuízos e de todas as convenções. Mas é já alguma coisa singularmente reveladora do que havia de confuso, imprevidente, falso e cego na sua mentalidade.

Designadamente no norte de África, a guerra não poupa nada. Chega a investir irreverentemente com as sombras dos Faraós, dos Platomeus, dos cartagineses das guerras púnicas, dos islamitas do ciclo conquistador...

Por onde se vê que a história, além de se repetir trágicamente, já não é aquêlo inviolável panteon de

homens ilustres, de que falavam, com o chapéu na mão, ponderados escritores de boa nota.

Novas ruínas monumentais, num ambiente de desolação, melancolia e silêncio, farão concorrência, dentro em breve, a Cartago, a Tebas e a Balbeck. Homens armados, que pas-saram. Pará que e para onde?...

Não há pedra sobre pedra?... Nem tanto, provavelmente. Mas ver-se-á mais uma vez que, na faina destruidora, a guerra leva de vencida o tempo, que se atreve a colunas de mármore, como dizia Vieira.

Bem fizeram os Faraós. O misterioso resguardo das suas múmias, envoltos no melhor linho do Delta, tinha alguma coisa de profético. Doutos e prudentes, entreviram ao longe uma época de mágico progresso, em que teria enormes vantagens a camuflagem da morte...

Inquieta e perturba a todos esta guerra formidável. Os novos têm apreensões dolorosas sobre o futuro, sobre o dia de amanhã, apesar de estarem numa idade em que a flo-rescência das rosas abafa sempre os brotos... Os velhos, que desejavam morrer em paz, erguendo as mãos em prece, para depois as baixarem trémulamente numa bênção aos que ficam — se é que fica alguém —, chegam a reacar a desgraça de um entéro motorizado com o fétetro dentro de um carro de assalto.

E tudo isto para quê, afinal? Da glória militar pode dizer-se o que de certas verdades dizia o génio de Pascal: verdades aquém dos Pirineus, erros alé... Glória fervorosamente aclamada e intransigentemente discutida.

Vejam bem. A Monarquia de Julho, com o assentimento da Inglaterra, fez a trasladação dos restos mortais de Bonaparte de Santa Helena para o coração da França. Inconsciente talvez, abriu assim, como disse alguém, caminho ao segundo império.

Quando o fétetro, já em Paris, ia a caminho dos Inválidos, num dado momento rompeu por entre a multidão uma pobre mulher a clamar: deixem-me ver esse déspota terrível, esse homem sem coração! Quero amaldiçoá-lo! Vivo desamparada, estou sózinha no mundo, porque elle levou os três filhos que eu tinha, para a guerra, para a morte!

Vá lá a glória militar, por mais brilhante que seja, abafar a voz das mães!

Correia Pinto

Meditação

«Na alma unida a Deus é sempre primavera», dizia o grande Santo Cura d'Arz, e o Vosso Santo tinha razão, Senhor.

A alma unida a Deus é aquela que sabe dizer não com simples palavras, mas com a realização prática da sua vida inteira, um sincero e continuo amen ao querer divino.

Ah! Senhor, poder dizer-Vos de verdade com uma grande e santa alma. — «Vontade do meu Deus, tu és o meu paraíso!»

Jesus Menino, que quistes dar-nos o Vosso sublime exemplo de submissão e docilidade, ensina a minha alma vibrátil e inquieta a ser dócil e submissa ao Vosso querer, a aceitar com alegria, momento a momento tudo o que por Vossas mãos ou por meio dos outros, Vos aprouver enviar-me.

Para isso, quando, no desejo de burilardes a minha alma, tiverdes de desbatar a rudeza da minha miséria e imperfeição, tiverdes de limar as arestas do meu orgulho e amor próprio, eu quero dizer-Vos sinceramente: amen, Senhor!

Quando o fogo da provação vier queimar a minha carne, penetrar e purificar o meu coração, amen, Senhor!

GRAÇAS DE N.ª S.ª DA FATIMA

(Continuação da 3.ª página)

- D. Maria da Glória Mendonça, Flores. D. Mariana do Coração de Jesus B., Pico. Florinda Alves dos Santos, Ponte-do-Lima. D. Maria Celeste da Silva Leite, Milheirós. D. Olívia Pinheiro, Faro. José António Rebelo, Santiago-de-Viseu. D. Maria Joaquina, S. Mamede-de-Evora. D. Maria José de Jesus, Vila-Nova-de-Ourem. D. Maria da Encarnação Sousa Silva, Olhão. D. Maria da Natividade, Guimarães. D. Luísa de Araújo, Lisboa. D. Augusta Barata Gordo, Coimbra. D. Madalena da Luz de Amorim Pessoa, Pombal. D. Casimira Andrade Silva, Guimarães. João Teixeira, Nabroso-de-Agular. D. Maria de Lourdes Pires Ferrete, Furo.

- D. Cecília de Jesus Mestre, Furo. D. Maria de Lourdes Pinheiro Rita, Alandroal. D. Maria Alzira Xavier, Porto. D. Estelvína Augusta Pereira de Almeida, S.-P.-do-Sul. D. Ester Pires Martins, Almolda. D. Maria da Assunção Baptista Ferraro Vaz, Famalicao. João Martins, Vieiras (Estarreja). José Marques, Aldeia-de-Santa-Teresia. D. Maria Augusta dos Santos, S. Martinho-de-Arada. Albino Ferreira Mendonça e Espôsa, Ovar. D. Maria dos Santos, Ovar. D. Lucrecia Rosado, Fundão. D. Maria Adelaide Moura, S. Miguel (Açores). D. Rosa de Jesus Medeiros, Ibidem. José Gonçalves Fonseca, Ibidem. D. Francisca Mesquita Falcão, Ala. D. Ana Lemos, S. Jorge (Açores). D. Isabel Josefa Machado, Ibidem. D. Maria Fernandes, Ibidem. D. Maria Augusta But, Ibidem.

Fátima na Itália

Em Roma o entusiasmo pela devoção a Nossa Senhora da Fátima transborda e adquire a impetuosidade de uma torrente caudalosa. Uma cunhagem especial de 12.000 medalhas da Fátima gastou-se em pouco tempo. Só uma casa vendeu mais de 100.000 pagelas em poucos dias. Novos livros e novas edições sucedem-se de dia para dia em ritmo acelerado. De «La Domenica illustrata» venderam-se mais de 120.000 exemplares.

TIRAGEM DA «VOZ DA FATIMA» no mês de Dezembro

Algarve	5.719
Angro	20.753
Aveiro	8.919
Beja	4.319
Braga	79.356
Bragança	12.383
Coimbra	14.551
Évora	4.774
Funchal	13.589
Guarda	18.483
Lamego	12.561
Leiria	14.495
Lisboa	13.790
Portalegre	12.621
Porto	52.508
Vila Real	24.480
Viseu	10.133
Estrangeiro	323.434
Diversos	3.527
	337.920

PALAVRAS DE UM MÉDICO 2.ª série XXVIII

Os artistas de todas as épocas e de todos os lugares têm interpretado das mais variadas formas a imagem de Nossa Senhora. Parece-me que, a maior parte das vezes, a Mãe de Deus tem sido representada a encorar o Céu, do qual é Rainha. Não sucede assim com as imagens de Nossa Senhora da Fátima. Com efeito, os escultores e os pintores que têm tentado representar a visão da Cova da Iria mostram-na com os olhos voltados para a terra, para a terra bendita de Portugal, de quem é padroeira.

Os pastorinhos pediram-Lhe: «Esses vossos olhos misericordiosos a nós voltei!»

E Nossa Senhora voltou-se para nós. E grandes coisas têm acontecido nestes últimos 25 anos.

Enquanto o mundo inteiro é uma labareda de fogo, o nosso Portugal mantém-se na paz e na ordem. Enquanto os Portugueses acreditaram que Nosso Senhor Jesus Cristo apareceu ao nosso primeiro Rei, fazendo-lhe grandes promessas, enquanto os Portugueses tiveram fé, realizaram uma história assombrosamente prodigiosa.

Depois, os chamados livres-pensadores e falsos cristãos começaram a analisar a fé como quem examina um facto material.

Veio a descrença e, com ela, uma decadência que nos ia levando ao abismo.

O milagre da Fátima resuscitou a fé dos Portugueses.

Tenhamos esperança que voltaremos à grandeza do tempo dos nossos maiores.

Para que assim seja, regressemos à doutrina que os guiava:

«Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos».

J. A. Pires Lima

ALMANAQUE CATÓLICO PARA 1943 Organizado por António de Jesus

Com 32 páginas impressas a cores, contém este precioso Borda d'Água, alé de preceitos religiosos, muitas indicações úteis e na capa linda imagem de N.ª S.ª da Fátima. Indispensável em todos os lares remete-se na volta do correio a quem enviar seu preço de 1 escudo em estampilhas à Livraria Leiriense — Leiria

A MELHOR LEMBRANÇA

da Fátima, do Santuário, das peregrinações, das curas, do Jubileu, é o livrinho FÁTIMA EM 65 VISTAS. Nêle passa a figura do Sr. Presidente da República na sua peregrinação à Fátima, Núncios, Bispos, Arcebispos e o Senhor Cardeal Patriarca. Até as crianças e analfabetos vêem nessas 65 gravuras o que é a Fátima. Mande-o ir já. Pagamento adiantado — Pelo correio 3\$50. Pedidos à Gráfica — LEIRIA.